



## PERU

Na reta final da apuração do segundo turno da disputa presidencial entre esquerda e direita, país tem apenas a certeza de que o vencedor terá de governar com a oposição de metade do país, como ilustra a composição do Congresso

# Comando por um fio

» SILVIO QUEIROZ

Uma vantagem na casa dos 30 mil votos, com cerca de 1 milhão mais por contar, deixava claro, ontem, que o próximo presidente do Peru terá contra si praticamente a metade do país — uma realidade refletida na composição do Legislativo, em que os partidos liderados pelos dois adversários no segundo turno equivalem em força. Em meio à expectativa de que o resultado final seja formalizado dentro de até um mês, um dos poucos consensos entre os peruanos era pela proclamação breve de um vencedor, que permita a ele — ou ela — começar a costura de um governo capaz de quebrar o ciclo de instabilidade que perdura na última década.

Nesse intervalo, o país teve nove presidentes, sendo que uma, Dina Boluarte, se manteve por três anos. Alguns dos ocupantes do cargo permaneceram por menos de uma semana. A fragmentação política do país, expressa no Congresso, e denúncias em série de corrupção precipitaram o país em um ciclo de instabilidade que a disputa encerrada no domingo não dá sinais de ter resolvido.

Com 95% das mesas eleitorais apuradas, o esquerdista Roberto Sánchez, do partido Juntos pelo Peru, tinha virado a contagem contra a direita Keiko Fujimori, do Força Popular, e liderava com 50,1% dos votos válidos, contra 49,9%. O resultado, ainda parcial e incapaz de definir o pleito, se aproximava do apurado por institutos de pesquisas no fim da noite de domingo, com base na chamada “contagem rápida” — um sistema que se baseia em

Connie France/AFP



Simpatizantes escutam o esquerdista Roberto Sánchez, na noite da votação: incerteza até a contagem do último voto

resultados parciais e projeta tendências. Nela, Sánchez superou Keiko, contrariando a vantagem — igualmente mínima — atribuída a ela nas pesquisas de boca-de-urna. “Temos de esperar até o final. O

necessário, nesses momentos, é paciência e serenidade. Vamos respeitar o resultado, seja qual for”, disse Keiko à imprensa, pela manhã, ao sair de casa, em Lima. Ainda na noite de domingo, diante de

simpatizantes em êxtase, Sánchez também havia citado um “empate”, e recomendado prudência. “Que a contagem prossiga dentro dos padrões de uma eleição transparente”, declarou.

“O que me parece mais profundo é um descontentamento geral com a política e com os resultados que os governos têm apresentado para as populações”, disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Juliano Cortinhas, da UnB. “Nesse sentido, há uma mudança constante: quem está no poder tem muita dificuldade em continuar — é um fenômeno mundial dos últimos 10 ou 15 anos.” O estudioso lembra que, vença quem vença, “não será uma vitória retumbante”. Nem, tampouco, uma derrota clara para quem ficar abaixo. “É um resultado que mostra como nosso continente está polarizado. E essa polarização tende a permanecer por longo tempo.”

Com 22 dos 60 senadores e 41 dos 130 deputados, o partido de Keiko, filha do ex-ditador Alberto Fujimori, tem as maiores bancadas em ambas as casas do Congresso, mas dependeria de alianças para construir maioria. Sánchez tem situação análoga: seu partido tem 32 deputados e 14 senadores. “O Peru passa por crises institucionais políticas profundas, nos últimos anos, uma sucessão enorme de presidentes, alguns permanecendo por poucos meses, ou por dias”, observa o estudioso da UnB. “O que se espera, e o que é melhor para o Peru, é, à parte ser de esquerda ou direita, que haja estabilidade política.”

Cortinhas entende que romper o ciclo de trocas precoces de governos é de interesse de todos os vizinhos, inclusive o Brasil. “O melhor resultado é que eles consigam iniciar e terminar mandatos presidenciais sem passar por graves crises. Isso prejudica o continente inteiro”, conclui.

## Bolívia ameaça manifestantes com lei marcial

Com sete meses no governo e acossado por um levante popular que partiu do interior do país e hoje mantém cercada a capital, La Paz, o presidente da Bolívia, Rodrigo Paz, acusou ontem “narcoterroristas” de promoverem os protestos, que exigem a sua renúncia. Ao contrário do clamor das ruas e estradas, Paz proclamou aos adversários que “seus dias estão contados”, referindo-se à lei que fez aprovar regulamentando o estado de exceção — e a possibilidade de combater o levante popular com medidas repressivas que contornam dispositivos democráticos da Constituição.

Operários, camponeses, mineiros, profissionais dos transportes e professores pressionam o governo de direita com dezenas de bloqueios rodoviários que, há cinco semanas, asfixiam as principais cidades do país, onde produtos básicos se tornam escassos. O presidente, agora, agora tem o caminho livre para decretar o estado de exceção, que, além de lhe permitir recorrer a militares para

conter os protestos, restringiria liberdades de reunião e circulação.

Em confrontos recentes para liberar vias, o governo denunciou que quatro policiais foram feridos a tiros. O presidente destacou que os grupos mais violentos provêm de facções criminosas vinculadas ao narcotráfico. “Aos violentos, aos narcoterroristas (...), seus dias estão contados. Vamos fazer cumprir o que manda a Constituição”, prometeu o presidente, ao lado de seus ministros, durante ato no palácio, com a participação de altos comandos militares e policiais.

Por causa dos bloqueios, em La Paz e na vizinha El Alto, os preços das carnes e dos vegetais dobraram nos mercados. Longas filas se formam nos postos de gasolina, e faltam medicamentos nos hospitais. “Chega de bloqueios. Estamos cansados de pagar tanto por nossos alimentos”, disse à agência de notícias France-Presse (AFP) Eva Mallea, comerciante de 56 anos.

## Evo na mira

O governo boliviano, novo aliado dos EUA, acusa o ex-presidente Evo Morales de estar por trás dos intensos protestos que, segundo denunciado perante a OEA, buscam “alterar a ordem democrática”. “A segurança se vê em perigo quando o narcoterrorismo e certos setores desfavoráveis à nossa democracia priorizam os próprios interesses”, disse Paz.

Morales, foragido devido ao caso do tráfico de uma menor, que ele nega, qualificou, em entrevista recente com a AFP, que a convulsão social é uma “rebelião” contra um governo “subordinado” à administração do presidente americano, Donald Trump. Os manifestantes rejeitam as propostas de reforma de Paz, que pôs fim a 20 anos de governos socialistas, liderados por Morales (2006-2019) e Luis Arce (2020-2025), e a falta de resultados para sair da pior crise econômica que o país atravessa em quatro décadas.

Aizar Raldés/AFP



Protesto em La Paz promovido por opositores dos bloqueios: país dividido

Com bandeiras brancas e aos gritos de “Paz para La Paz!”, centenas de bolivianos foram ontem às ruas no centro da capital para exigir o fim dos bloqueios viários que aprofundam a crise econômica. “Não podemos aguentar mais a fome do povo, que está com as cestas vazias”, disse à AFP Ninoska

Díaz, comerciante que deixou o trabalho em um mercado para protestar.

Desde 2023, a Bolívia enfrenta uma grave crise econômica, provocada pela falta de dólares. O governo anterior, de Arce, esgotou as reservas do país para financiar uma política de subsídios aos combustíveis. Paz suspendeu a medida, em dezembro.

## ORIENTE MÉDIO

# Irã e Israel atendem a pedido de Trump

No dia seguinte a um ultimato de Donald Trump, Israel e Irã anunciaram ontem que decidiram pôr fim às hostilidades recíprocas, depois de terem se atacado diretamente pela primeira vez desde o início de um frágil cessar-fogo na guerra no Oriente Médio, em 8 de abril. Após semanas de negociações para tentar encerrar o conflito, a região voltou a se incendiar em consequência de um bombardeio israelense contra os subúrbios de Beirute, no domingo, revidado pelo Irã com uma salva de mísseis.

O Exército israelense atacou a capital iraniana, Teerã, e escolheu como alvo sistemas de defesa e um complexo petroquímico. O comando militar da República Islâmica afirmou ter “infligido uma resposta contundente” e anunciou “o encerramento da operação”. No entanto, advertiu que, “se continuarem os atos de agressão e hostilidade, inclusive no sul do Líbano, serão adotadas medidas muito mais severas e contundentes que as anteriores”.

Também o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, afirmou que “as hostilidades nessa frente cessaram”. “Após os golpes que desferimos contra o regime terrorista de Teerã, ele

deixou de nos atacar”, afirmou o mandatário, acrescentando que, se o Irã “cometer o erro de retomar seus ataques”, Israel responderá “com toda a força”.

O presidente dos EUA, Donald Trump, cada vez mais impaciente com Netanyahu, havia exigido anteriormente do Irã, mas também de seu aliado Israel, que interrompessem “imediatamente” os ataques. Em mensagem, ele afirmou que ambas as partes buscam “alcançar um cessar-fogo imediato”, e que as negociações avançam, “a menos que a ignorância ou a estupidéz se coloquem no caminho”.

## “Defesa”

Netanyahu declarou na TV que Israel “tem todo o direito de se defender”, e afirmou que transmitiu essa posição a Trump. Apesar das advertências iranianas contra os ataques israelenses, inclusive no Líbano, afirmou que o país “continuará atuando” contra o movimento xiita Hezbollah. “Rejeitamos categoricamente as ameaças do Irã. Qualquer tentativa de estabelecer um vínculo entre o Líbano e o Irã, com o objetivo de atacar Israel, receberá uma

Kawnat Haju/AFP



Destruição após bombardeios israelenses em Tiro, no sul do Líbano

resposta de grande força”, declarou o ministro da Defesa, Israel Katz.

A frente libanesa é um dos pontos mais delicados nas negociações para pôr fim ao conflito no Oriente Médio, já que o Irã insiste que qualquer acordo deve incluir o fim desse conflito paralelo entre Israel e o Hezbollah. Dois acordos de trégua, sob os auspícios dos EUA, não conseguiram

interromper os combates, especialmente intensos no sul libanês, alvo de incursão militar israelense.

A retomada das hostilidades entre Israel e Irã coincide com um momento delicado para os esforços diplomáticos voltados a encerrar o conflito. O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, declarou que o país não havia abandonado “nem o

campo de batalha, nem a mesa de negociações”. Antes, o porta-voz da chancelaria, Esmail Baghaei, havia afirmado que consultas seguiam em andamento, mas que o processo poderia ser “afetado” pela escalada. Enquanto ele falava, na sede do Ministério das Relações Exteriores, no centro de Teerã, uma forte explosão fez o edifício tremer.